

A suplantação dos deuses nas tirinhas de Carlos Ruas¹

Amanda Carolina SANTOS²

Elza Aparecida Oliveira FILHA³

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

O presente artigo propõe a análise de algumas tirinhas do personagem Deus, criado por Carlos Ruas no blog “Um Sábado Qualquer”, cujo tema é a alternância dos deuses tidos como certos por uma sociedade. O gênero tirinha, de origem jornalística e sua migração para a web também são analisados de acordo com a teoria da Cultura da Convergência; o surgimento e suplantação das religiões, em especial as antigas, também é analisado sob uma ótica antropológica.

Palavras-chave

Carlos Ruas; deuses antigos; religiões; tirinhas; Um Sábado Qualquer.

Introdução

Com o advento da internet e das mídias interativas, a web tornou-se um espaço de debate sobre os mais variados assuntos, das mais diversas linguagens. Uma dessas linguagens, a tirinha, destaca-se por tratar de assuntos polêmicos com naturalidade e bom humor, acompanhados geralmente por uma crítica. Entre os temas abordados no debate, há um inerente à humanidade: a religião. Assunto esse capaz de gerar discussões e desentendimentos homéricos e sem resolução racional.

Dentro da rede global, encontramos um blog de tirinhas que trata particularmente de debater as religiões: trata-se de “Um Sábado Qualquer”, criado por Carlos Ruas. Nas tirinhas de Ruas, o Deus cristão frequentemente se reúne com os outros deuses de religiões da Antiguidade e debate sobre as diferenças, semelhanças e embates entre suas religiões e suas criações.

Neste artigo, trataremos primeiramente de discutir o gênero tirinha, suas características e histórico, com base em Marcos Nicolau (2009), bem como as mudanças que o gênero sofreu ao migrar dos materiais impressos para a internet, sob a ótica da convergência midiática de Henry Jenkins (2008), aportando-se Fernanda Galli (2004) para pensar o modelo comunicacional da internet.

Em segundo lugar, apresentaremos o blog “Um Sábado Qualquer”, seu personagem principal, o Deus cristão e os demais deuses de religiões antigas que estrelam as tirinhas.

A partir desses conhecimentos, partimos para uma discussão sobre o surgimento da religião concomitante com o surgimento das civilizações, as características das religiões e dos deuses retratados nas tirinhas de Ruas e a suplantação, ao longo da história, de uma

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante de do Bacharelado em Comunicação Organizacional da UTFPR, e-mail: amandacarolina@outlook.com

³ Professora orientadora do trabalho. Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos e professora do Bacharelado em Comunicação Organizacional da UTFPR. Email: elzafilha@utfpr.edu.br

religião por outra, com base em Durkheim (2003), Rampazzo (1996), Flamarion (1996) e Leite Filho (1994).

Embasados nessa discussão, poderemos, por fim, analisar o conteúdo de algumas tirinhas de Carlos Ruas que tratam da sucessão dos deuses.

O gênero tirinha

A tirinha é um texto midiático, um gênero jornalístico (NICOLAU, 2009) cujo formato estético é similar ao dos quadrinhos, embora possua funções e algumas características distintas. As tirinhas geralmente têm o intuito de contar histórias cotidianas curtas através de representações críticas e satíricas, em três cenas (quadros), utilizando-se de personagens constantes (um principal e outros que gravitam em torno dele), e balões de fala, que têm como objetivo promover uma crítica ou reflexão do contexto em que está inserida por meio do humor e da ironia.

Sua temática é variada, podendo tratar tanto de assuntos triviais do dia-a-dia quanto a sérias questões do país e do mundo. Apesar da premissa humorística, as tirinhas não estremecem ao abordar assuntos como metafísica, a sátira social e política, a psicanálise, atraindo a leitura, inclusive, dos intelectuais. A estereotipia é um recurso frequentemente adotado nesta linguagem, uma vez que esse recurso facilita a memorização de um personagem e possibilita que o texto seja lido por diferentes culturas. Nicolau (2009) em comparação aos demais gêneros jornalísticos, aponta que

A representação crítica dos problemas do cotidiano, através de uma visão bem humorada ou satírica, característica própria de alguns gêneros jornalísticos, também está presente nas tirinhas, publicadas ainda hoje em jornais de todo o mundo. (NICOLAU, 2009)

As tirinhas não precisam se comprometer com rigor histórico, e possuem muito mais liberdade crítica sobre os costumes e moral de uma época que outros gêneros jornalísticos, como o artigo, a crônica e até mesmo a charge. Elas se consolidam como “uma categoria estética de expressão e opinião sobre o cotidiano, representada por personagens que nos imitam.” (NICOLAU, 2009)

Nicolau (2009), em sua discussão sobre as tirinhas serem ou não um gênero jornalístico, destaca:

Sendo a tirinha um texto midiático com formato próprio que representa práticas socioculturais dentro de outra prática sociocultural institucionalizada como a imprensa, envolvendo produtores e receptores de mensagens, trata-se de um gênero textual. (NICOLAU, 2009)

Magalhães (2006) traz à tona a grande representatividade das tirinhas dentro da sociedade e sua importância para a formação de opinião e de pensamento crítico:

A agilidade e imediatismo da tira fazem-nos crer que elas são imprescindíveis para a construção do pensamento de um país, quando elas não se dobras à massificação niveladora, quando se permitem à liberdade inventiva. (MAGALHÃES, 2006)

As tirinhas têm uma trajetória nos meios de comunicação de mais de 100 anos, iniciada nos jornais matutinos norte-americanos. Segundo Marny (1970 apud NICOLAU, 2009), o começo oficial das histórias em quadrinhos foi em 1895, com o personagem

Yellow Kid, no jornal sensacionalista *New York World*, momento no qual foi incursionado o texto em forma de balão de fala.

Já de acordo com Patati e Braga (2006 apud NICOLAU, 2009), seria Bud Fisher o pioneiro das tiras, publicando em 1907, na página de turfe (hipismo) do jornal, as tirinhas dos personagens Mutt e Jeff, que através da exposição da fauna humana e os protagonistas do evento (jôquei e cavalo), revelavam o caráter patético do jogo e exercitavam uma espécie de autocrítica. Segundo os autores, o formato tradicional da tirinha, em três quadros, deve-se à escassez de espaço nos jornais aliada a crescente popularidade dos personagens.

A rápida popularização das tirinhas e consequente aumento do volume de vendas do jornal chamou a atenção dos donos dos veículos jornalísticos, que aumentaram o investimento nesse gênero e, em pouco tempo, havia uma série de personagens preenchendo as páginas de suplementos das edições do domingo; ao fim da década de 1960, nos EUA, 300 histórias distintas apareciam em 1.700 publicações diárias, tendo cerca de 100 milhões de leitores (NICOLAU, 2009). Com a grande comercialização desse gênero textual, surgem os *Syndicates*, responsáveis por selecionar tirinhas por critérios mercadológicos e enviá-las aos veículos, criando aí um nicho de mercado e massificando a produção de tirinhas.

Um exemplo de tirinha de sucesso é *Peanuts*, criado na década de 1950, publicado no Brasil sob o nome de “Charlie Brown”, que é um dos principais personagens. As tirinhas do cãozinho Snoopy, que tem crises existenciais e discute questões metafísicas e amorosas, bem como os demais personagens, era publicado em 900 jornais dos Estados Unidos e 100 outros jornais estrangeiros na década de 1960, com pouco mais de 10 anos de existência.

Na América Latina, temos a personagem Mafalda, do argentino Quino, que é uma garotinha inquieta que pergunta e confronta seus pais, indagando sobre a trajetória e rumos do ser humano e da paz e que já completou 50 anos de existência. No Brasil, a cartunista transexual Laerte Coutinho é ativa desde a década de 1970 e já criou dezenas de personagens, como o Overman, os Gatos, Suriá e Muriel/Hugo. É atualmente a mais importante cartunista do Brasil.

As tirinhas não ficaram limitadas às páginas de jornais: mantiveram sua presença nos periódicos diários e também ilustraram, nas décadas seguintes, diversas revistas, livros didáticos e recentemente, migraram para a web principalmente por meio dos blogs e das redes sociais.

A origem e grande inserção das tirinhas se dá dentro dos veículos jornalísticos, mas também são usadas vastamente em materiais didáticos para o Ensino Fundamental e Médio, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases na Educação, que em 1990 ampliou “o uso das tirinhas nacionais e estrangeiras como gênero discursivo ao lado de anúncios, crônicas, contos, notícias, poemas etc. a fim de proporcionar estudos sobre linguagem, comunicação e produção textual” (NICOLAU, 2009).

A convergência midiática e a internet

O conceito de convergência midiática de Jenkins (2008) refere-se à tendência dos meios de comunicação convergirem para a internet, uma vez que o público também está aumentando sua presença nesse meio em detrimento aos demais meios. O autor entende a convergência midiática como um

Fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências

de entretenimento que desejam. (JENKINS, 2008)

Nicolau e Magalhães (2011) definem esta como a era do usuário, do cruzamento de novas e velhas mídias e de interação entre consumidor e produtor que gera conteúdos cada vez mais diversificados e imprevisíveis. Jenkins (2008) expõe a importância da participação ativa dos consumidores para a circulação de conteúdos quando trata a convergência como uma transformação cultural, uma vez que os consumidores são “incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos” (JENKINS, 2008).

Uma das características primordiais da internet é o fato de que qualquer computador conectado à internet pode receber e emitir textos, imagens, sons e hipertextos. Dessa forma, não temos mais o modelo “Um e Todos”, conforme proposto por Galli (2004), que se refere aos meios de comunicação em massa, em que existe um único emissor, múltiplos receptores e uma mensagem sendo enviada em sentido único, sem interatividade pelas partes; e sim um modelo “Todos e Todos”, no qual não há distinção entre produtor e consumidor de conteúdo, uma vez que todo usuário é um desses agentes em potencial, estabelecendo um novo tipo de interação.

Essa alteração de ordem na comunicação também implementa novas formas de relação e interação na sociedade que alteram o caráter simbólico da vida social; os usuários não mais se interessam em apenas assistir, mas em compartilhar e participar. Jenkins expõe:

Se os antigos consumidores eram tidos como passivos, os novos consumidores são ativos. Se os antigos consumidores eram previsíveis e ficavam onde mandavam que ficassem, os novos consumidores são migratórios, demonstrando uma declinante lealdade a redes ou a meios de comunicação. Se os antigos consumidores eram indivíduos isolados, os novos consumidores são mais conectados socialmente. Se o trabalho de consumidores de mídia já foi silencioso e invisível, os novos consumidores são agora barulhentos e públicos. (JENKINS, 2008)

Uma das expressões da convergência midiática é o fato de que os meios midiáticos tradicionais (jornais, rádios, emissoras de TV, etc) também possuem seus portais online, que geralmente transmitem as mesmas informações que seus veículos tradicionais. Dessa forma, uma mesma informação transita por vários canais (mas convergindo para a web) e com diferentes pontos de recepção.

Com a crescente facilidade de criação e veiculação das mensagens, a web torna-se um ambiente muito atrativo para o produtor alternativo, que enxerga uma ferramenta completa, de baixo custo e feedback quase instantâneo. As principais ferramentas de participação na internet hoje são os blogs, fóruns e redes sociais como o Facebook, Twitter, YouTube, Tumblr e Flickr. Esses meios permitem o compartilhamento de mensagens, imagens e sons entre os usuários sem depender das grandes mídias.

Nicolau e Magalhães (2011) falam especificamente da atuação de quadrinistas, cartunistas e desenhistas:

O conteúdo está cada vez mais passível de personalização e sem limites de veiculação, e o cartunista, quadrinista ou desenhista agora tem o espaço que deseja na web para veicular os seus trabalhos, de maneira gratuita, sem vínculo com os grandes grupos de distribuição e com público certo, disposto a interagir com ele e a divulgar o seu trabalho. (NICOLAU; MAGALHÃES, 2011)

McCloud (2006, apud NICOLAU; MAGALHÃES, 2011) considera que no intercâmbio entre os quadrinhos e as novas tecnologias pode estar acontecendo uma reconfiguração do gênero tirinha, transformando-o em um novo produto cultural.

Os blogs se estabelecem como a principal plataforma de divulgação de tirinhas atualmente, mas também são utilizadas outras mídias interativas, como as redes sociais. Os quadrinistas podem agora divulgar seu trabalho em um grande número de plataformas online sem depender de grandes investimentos, critérios mercadológicos dos Syndicates ou da formatação de meios impressos, permitindo uma experimentação livre.

As tirinhas de Deus de Carlos Ruas

O blog “Um Sábado Qualquer” (www.umsabadoqualquer.com), criado em 2009 e alimentado pelo designer e quadrinista fluminense Carlos Ruas traz de forma irreverente e bem-humorada um dos assuntos mais polêmicos do mundo: a religião. O blog de tirinhas é um dos mais acessados do Brasil, com mais de 40 mil acessos diários e mais de 700 mil leitores no Facebook. Ruas já publicou dois livros de tirinhas (“Deus por trás das câmeras” e “Boteco dos Deuses”, ambos em 2012), possui novos projetos editoriais em andamento (“Êxodo”, de 2015) e em 2012 ganhou o prêmio HQmix, o oscar dos quadrinhos brasileiros, na categoria webtiras.

O personagem principal das tiras de Carlos Ruas é Deus, o deus cristão, mas reinterpretado pelo autor como um deus humano, que assim como sua criação sofre, chora, sorri, reclama, se zanga, bebe, sente falta da ex, brinca com a humanidade.

Dentre os outros personagens das tirinhas, encontram-se Luciraldo (Luci), Adão, Eva, Caim, Jesus e deuses de outras religiões: Zeus, deus grego dos trovões e líder do panteão dos deuses do Olimpo; Hórus, deus egípcio protetor dos faraós e também um dos principais representantes do panteão egípcio; Odin, deus nórdico líder dos demais deuses; bem como deuses indianos como Ganesh e Shiva, deus dos obstáculos e deus da criação e destruição respectivamente, e o inca Inti, deus do Sol.

As tirinhas que mostram Deus interagindo com os demais deuses estão reunidas na categoria “Boteco dos Deuses”, nome dado uma vez que grande parte das tirinhas se passa num balcão de bar onde os deuses dialogam, se divertem, riem, brigam tal como, literalmente, um grupo de amigos em um boteco - embora as tirinhas estrelando os deuses não se limite a esse espaço. Nos diálogos, usualmente são tratadas as diferenças, as semelhanças e os embates entre as religiões. Para compreender o ponto de vista do autor sobre o diálogo entre as religiões, podemos tomar texto do próprio blog de Ruas:

Quem está certo? Cristãos, Ateus, Hindus, Budistas, Judeus, Muçulmanos, Hare Krishnas, Gregos, Egípcios, Mórmons e todas as outras 10 mil religiões que já existiram, e que ainda existem, em nosso planeta. Não cabe ao autor, Carlos Ruas, escolher um lado, levantar uma bandeira ou ofender uma delas. Seu intuito é praticar o diálogo, o debate e o livre pensamento filosófico. Deixando os dogmas e pecados de lado, Ruas consegue transformar toda essa questão existencial em algo cômico. Afinal, de onde viemos, pra onde vamos? Será que a resposta está nos Deuses? Então nada melhor do que colocar todos eles em uma mesa de buteco para debater o assunto.

Surgimento e desaparecimento dos deuses

Acredita-se que a religião surge a partir da observação da natureza e atribuição de significados místicos aos fenômenos naturais. O sociólogo francês Durkheim (2003)

defende o totemismo – sistema religioso tribal que adota elementos da natureza, concretos ou abstratos, (totens) como possuidores de poder de interferência no mundo e nas vidas humanas - como a forma mais elementar das religiões, anterior mesmo à criação dos primeiros deuses (considerando deus uma força consciente, dotada de personalidade, e que pode ser convalescente às aspirações humanas).

Segundo Émile Durkheim (2003), a religião é composta por um conjunto de elementos coesos, aos quais deve-se atentar ao buscar uma análise da religião. Tais elementos perdem parte de sua importância quando analisados isoladamente uma vez que “a religião só pode ser definida em função das características que se encontram por toda parte onde houver religião”. (DURKHEIM, 2003). Durkheim define a religião como um sistema classificatório que separa os objetos em sagrados e profanos, com as instâncias das crenças e rituais, ou ainda como “um complexo sistema de mitos, dogmas, ritos e cerimônias que também podem se formar espontaneamente sob influências de causas locais” (DURKHEIM, 2003).

Entre os elementos destacados por Durkheim, damos destaque à distinção dada entre religião e magia. Para esta diferenciação, Durkheim aponta que, assim como a religião, a magia também possui os suas crenças e rituais, em uma tentativa de subjugar a natureza querendo atingir fins práticos, ou como é defendido pelo sociólogo francês, “a magia não perde tempo com especulações”. (DURKHEIM, 2003).

A religião é uma manifestação tão humana que não há cultura que não tenha desenvolvido um mecanismo de crença que não possamos enquadrá-lo neste modelo.

“Os antropólogos nos informam que o homem desenvolveu uma atividade religiosa desde a sua primeira aparição no palco da História e que todas as tribos e todas as populações de qualquer nível cultural, cultivaram alguma forma de religião.” (RAMPAZZO, 1996)

Quando os povos começaram a constituir as civilizações antigas, como a mesopotâmica ou a egípcia, já eram presentes as concepções de deuses, em um sistema politeísta, com mitologias e rituais, que representavam os fenômenos naturais, os ciclos e os mistérios da natureza.

A religião está inserida na cultura humana desde os princípios do processo civilizatório, diretamente ligada à política desde as primeiras civilizações.

A união entre política e religião perdurou por muito tempo na história. Primeiramente nos Estados teocráticos da Antiguidade, depois o domínio das Igrejas Católica e Ortodoxa no período medieval e, posteriormente, os reinos absolutistas com a teoria do direito divino. Foi somente após a Revolução Francesa no século XVII, com o período Napoleônico, que a Igreja e o Estado passaram a experimentar uma certa distância, com a adoção de um Estado laico.

Devido ao caráter tão humano relacionado a este importante fato de nossa formação, a história das religiões revela que, assim como todas as criações humanas, ela também é imperfeita com furos e falhas narrativas; também demonstra que por mais diferentes que elas possam parecer, vão apresentar elementos comuns que se mostram repetidamente com leves variações de cultura para cultura.

Com um olhar analítico sobre o aspecto da religião ser uma criação humana e considerando seu importante papel no processo civilizatório, através da leitura de Pinsky (2003), Leite Filho (1994) e Flamarion (1996), muitas delas revelam semelhanças, não só dentro dos processos ritualísticos e comportamentais, mas também no aspecto mitológico e literário, principalmente no que se refere às religiões do antigo Crescente Fértil e da Região do Levante.

Facilmente encontram-se referências de um mundo criado a partir da inspiração divina, em que o homem é moldado do barro e ganha a vida através do sopro de deus (ou deuses). Assim era no mito cosmogônico egípcio e mesopotâmico. Outro elemento que pode ser apontado em diferentes histórias religiosas é o famoso dilúvio que aparece em contos sumérios durante a “Épopeia de Gilgamesh” e que também é visto sob o olhar cristão como a “Arca de Noé”.

Além das características mitológicas e literárias, as religiões sobrepõem seus discursos constantemente. De acordo com Araújo (2000) (e com os entalhes do interior templo de Karnak), no Antigo Egito a rainha Hatseptshut da XVIII dinastia havia ordenado para que seus escribas oficializassem a história de que ela era resultado de uma visita de Rá (Deus Sol, divindade regente dos deuses) para a sua mãe. Dessa forma, ela era não só a rainha do Egito, como era filha direta de Rá, impondo sua importância e seu poder diante de seu povo. Nesta mesma ótica, outros faraós repetiram este discurso. Também encontramos diversos semi-deuses na mitologia grega que foram concebidos a partir da relação entre um deus com uma mortal. Seguindo esta lógica, o personagem mais importante do cristianismo também tem sua origem nos mesmos moldes das religiões anteriores.

As semelhanças não param por aí, afinal, de acordo com as respectivas religiões, tanto o código de Hamurabi, quanto as 42 leis egípcias do julgamento dos mortos e os 10 mandamentos cristãos, não foram criados por um homem em sim, escrito por Deus/deuses e que foram entregues para um mortal que tinha como missão espalhar a vontade e ordem da divindade; evidenciando quanto os valores religiosos se adaptaram conforme as mudanças pelas quais as sociedades vem passando ao longo do tempo. A sociedade não é estática, logo, seus ritos e suas crenças também não.

As mitologias amplamente divulgadas no Ocidente são as dos greco-romanos, egípcios e nórdicos. Hoje nos relacionamos com estes contos de uma forma literária e mágica, porém, deve-se considerar que estas narrativas em seus tempos históricos não eram vistas apenas com o objetivo de explicar ou entreter o povo; elas possuíam valores reais, alimentavam a fé e explicavam o mundo para os seus contemporâneos.

Deuses antigos

A História não tem como determinar qual foi a primeira manifestação religiosa da humanidade. Sabe-se que elas estão atreladas às transformações provocadas pela revolução agrícola, o processo de sedentarização e consecutivamente o civilizatório, conforme Leite Filho (1994). Curiosamente, estas primeiras religiões, por mais que tenham se desenvolvido sem a presença das outras, se moldaram dentro da esfera politeísta.

A observação sobre a natureza e seu meio acabou contribuindo para a divinização do natural e a institucionalização do sagrado, (CARDOSO, 1996) gerando sistemas classificatórios (DURKHEIM, 2006) complexos de organização social e ritualística reforçando a característica teocrática dos primeiros Estados antigos.

Egípcios

A religião egípcia era marcada pelo culto e devoção aos mortos. Politeísta e antropozoomórfica, a eternidade era o estágio máximo na existência de um egípcio antigo; viver no paraíso, o mundo de Osíris, era a almejada representação do pós-morte. Para isso, o morto deveria passar pelo ritual de mumificação; este ritual fazia com que a “alma” do morto tivesse acesso ao tribunal de Osíris, onde ele seria julgado diante das 42 verdades para saber se viveria eternamente ou amargaria a inexistência junto a Ammit (deusa devoradora das almas).

Tendo diversos personagens cativantes em sua narrativa religiosa, os egípcios também cultuavam uma tríade envolvendo “pai, mãe e filho”, sendo respectivamente Osíris,

Ísis e Hórus. Este último, sendo filho de Osíris, enquanto seu pai passou a cuidar da eternidade no mundo dos mortos, Hórus passou a governar o mundo dos mortais, vingando a morte de seu pai e condenando o deus Seth (o caos) à eterna escuridão no mundo subterrâneo. Assim, o deus Hórus passou a figurar entre os principais deuses deste vasto panteão.

Gregos

Politeísta e com característica predominantemente antropomórfica, a religião da Antiga Grécia tem um complexo panteão de deuses cujas características se assemelhavam às humanas, revelando sentimentos de inveja, ciúmes, amor e ódio e, como muitas vezes demonstrado na rica literatura mitológica, os deuses gregos normalmente esqueciam a compaixão e se vingavam dos humanos ou até de outros deuses que representassem problemas para os interesses dos soberanos do Olimpo, principalmente o todo poderoso Zeus, deus dos trovões.

Nórdicos

A religião nórdica tem origem a partir de contos e tradições orais e regionais, o folclore transforma-se em mitologia, ganhando novas interpretações a assimilações ao longo do tempo, os deuses de Asgard possuíam uma característica guerreira mas estavam estritamente ligados com as necessidades agrícolas de seu povo. Odin é o deus supremo, pai de Thor e pai adotivo de Loki, deus dos disfarces.

Politeístas, os contos nórdicos não são atribuídos a autoria de nenhuma divindade que tenha deixado seus ensinamentos para a humanidade. Da mesma forma, ao contrário das demais religiões, os nórdicos não se prendiam aos mortos como elementos sagrados. Ignoravam o suicídio e se relacionavam mais com suas ações e festividades com cultos do que propriamente com um dogmatismo típico das religiões.

Incas

Os Incas foram uma civilização da América do Sul que desenvolveu a crença politeísta relacionada aos seus elementos naturais. Também de característica teocrática, os incas trabalhavam com seus conhecimentos astronômicos e matemáticos para desenvolver seus sistemas de previsões para o abastecimento de grãos para toda a civilização. Adeptos à prática do sacrifício, normalmente ofereciam animais de rapina ou de corte para seus deuses e esporadicamente, em cerca de quatro em quatro anos, praticavam alguns poucos sacrifícios humanos na intenção de agradar seus deuses para manter o equilíbrio e a harmonia do universo, uma vez que a criação humana se dá pelo derramamento de sangue dos deuses.

Hindus

Surgida no “caldeirão cultural” que é a Índia, o Hinduísmo trabalha com o conceito de que o cósmico é composto por elementos físicos, psíquicos e espirituais. Reencarnacionistas, acreditam que a existência do homem é determinada pelas suas ações na vida anterior, gerando o que é chamado de Karma, obrigando-o ao renascimento em busca de sua evolução, estabelecendo relação das três pontas do hinduísmo, o Dharma (a lei cósmica), o Samsara (ciclo reencarnacionista) e o Karma (elementos que devem ser trabalhados para obter a evolução da alma).

Monoteístas: Cristãos/Islâmicos

O monoteísmo é um dos principais legados dos hebreus para a humanidade. Apesar do primeiro registro do monoteísmo datar do Antigo Egito, com o faraó Akhenaton da

XVIII dinastia, foram os hebreus quem desenvolveram religiões duradouras nesse modelo “revolucionário”. Tradicionalmente, a responsabilidade de passar o monoteísmo para os hebreus teria sido de Moisés, que propôs a libertação em troca da aceitação do povo para a fé em um Deus, Jeová. A crença do povo hebreu modificou-se diversas vezes ao longo de milhares de anos, desdobrando-se nas três maiores religiões do mundo atualmente: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.

Surgido depois das outras religiões que figuraram pelo mundo antigo, a construção do cristianismo não foi diferente das demais religiões que haviam se estabelecido junto a população anteriormente. Tendo Cristo como seu principal personagem, sua narrativa também está repleta de intervenções místicas que envolvem desde o seu nascimento, concebido por Deus junto a uma virgem até a sua morte, dolorosa, sofrida, mas com o direito à ressurreição; deixando claro a relação entre religião e os aspectos dos mistérios e do oculto.

Por volta de 621 d.C. o monoteísmo passou por mais uma transformação. Surgida na Península Arábica, o Islamismo, religião criada por Maomé após receber instruções do anjo Gabriel (o mesmo que teria anunciado a gravidez de Maria, Mãe de Jesus), pregava o conceito de que todas as religiões monoteístas deveriam seguir apenas um ensinamento.

O fato é que de uma religião que era considerada a diferente no mundo antigo, ela se transformou e está no centro de três importantes culturas do mundo contemporâneo e o Deus que até então era quase que renegado, passou a ter três religiões para cultuá-lo, invertendo por completo a lógica no mundo das grandes religiões.

A suplantação dos deuses

A segunda metade do século XIX ficou marcada como o período em que filósofos e cientistas mataram Deus. Nietzsche, Marx e Darwin contribuíram para o desenvolvimento desta ideia que vem acompanhando o desenvolvimento da sociedade tecnológica atual. Porém, analisando o histórico destas diferentes religiões, podemos perceber que as crenças, assim como a sociedade, também tem se transformado e se adaptado conforme suas necessidades existenciais.

Junto a estas mudanças, a simplificação religiosa tem sido bastante significativa, pois a queda do politeísmo frente ao monoteísmo, revelou toda a fragilidade que aquele modelo enfrentava depois de mais de três mil anos de desgaste.

Segundo Nogueira (2000), o louvor em torno de uma divindade e o discurso para abranger as almas “carentes”, impulsionou o monoteísmo para o centro dos povos mais necessitados. Afinal, seguir dez mandamentos e adorar um Deus, é muito mais fácil do que ter diversos deuses para adorar, tendo que se preocupar com mais de quarenta mandamentos.

Também encontramos na História, diversas situações em que a dominação de um povo sobre o outro acaba por suplantam a religião do dominado pela religião do dominador. É o caso das Grandes Descobertas no século XV, que acabaram dizimando as populações que tinham se estabelecido na América, destruindo seus artefatos culturais e catequizando aqueles que não foram dizimados, impondo o cristianismo sobre as diversas religiões que aqui existiam – como o caso dos incas no Chile e Peru, subjugados pelos espanhóis, e dos indígenas brasileiros, subjugados pelos portugueses.

O fato é que as religiões que tiveram seu espaço e sucumbiram, acabaram transformando-se, adaptando-se e reposicionando-se. Conforme novos discursos eram desenvolvidos, antigos elementos eram moldados e adaptados e em alguns casos, apenas copiados. Mesmo sabendo que o processo religioso passou por estas instâncias e está diretamente ligado ao nosso processo civilizador, parece que a humanidade vem há muito tempo se preparando para uma despedida de Deus (FRIEDMAN, 1997).

Primeiramente, com a passagem do pensamento religioso para o pensamento filosófico e depois do pensamento filosófico para o pensamento científico, conforme propunha o Iluminismo. Assim, preocupado com as tendências que o século XX apresentaria, os pensadores, trabalhando com o processo de advento da ciência e tecnologia, chegaram a conclusão que Deus como fornecedor de respostas para tudo, estaria com seus dias contados, pois o mundo tecnológico das ideias supriria nossas ansiedades e questionamentos religiosos e espirituais.

Em (DT 31,17-18;32,20) Deus diz a Moisés “Eu lhe ocultarei minha face. Verei que fim hão de ter”, como se já preparasse seu povo para ter que viver sem a proteção e cuidados diretos de seu protetor, as aparições de Deus vão se tornando cada vez mais raras até sumirem por completo, mas sem deixar de estar presente na mentalidade de milhões de fiéis que acreditam e seguem os ritos programados para seu culto e adoração.

Mas, em pleno século XXI, pode ser visto claramente por onde passa nossa atual adaptação com o mundo religioso. Em tempos de alta tecnologia e comunicação, ainda presenciemos violência por divergências religiosas e por intolerância e em conjunto a tudo isso, observamos a transformação dos meios de comunicação e principalmente dos meios virtuais, como eles vêm ocupando cada vez mais o seu espaço no cotidiano das pessoas, inclusive com as adaptações religiosas para este mundo. Se antes a Igreja era responsável por divulgar o que era certo e o que era verdade, agora vivemos uma “epidemia” do mundo virtual em que cada vez mais, as pessoas estão se vinculando e associando aos meios virtuais, tornando a vida on line a base das nossas relações reais não virtuais. Logo, Deus não está necessariamente desaparecendo, mas, como sempre, se transformando.

Análise de tirinhas dos deuses

Esta parte do artigo tratará da análise de algumas tirinhas do blog Um Sábado Qualquer, de Carlos Ruas, em que estrelam Deus e os deuses. O elo comum entre os textos é a temática da suplantação dos deuses.



Figura 1

Nessa sequência de duas tirinhas da Figura 1, Deus se queixa ao personagem Luci dos atentados terroristas de extremistas islâmicos contra o ocidente, de maioria cristã (a

exemplo do ataque ao World Trade Center em setembro de 2001 e aos ataques na França em 2015, como o caso dos cartunistas da revista francesa Charlie Hebdo e o atentado no clube Bataclan). Ao ser indagado por Luci aonde estaria Alá, o deus do Islã, cujos seguidores estariam o atacando, Deus revela ele mesmo ser Alá, em conformidade com já foi dito anteriormente, em “Deuses Antigos”. Luci pede mais explicações e Deus argumenta que a criação da nova religião provém da alteração de seus escritos sagrados pelos profetas, como Maomé (dando origem ao Islã). O desfecho bem-humorado se dá quando Luci sugere a Deus que ele crie uma patente para seu texto sagrado, que impediria os demais seres (sob a legislação) a copiarem ou alterarem seus escritos.

Alá nunca foi representado nas tirinhas de Carlos Ruas.



Figura 2

Na tirinha da Figura 2, Ruas trata a sucessão das religiões como um jogo. Contudo, a generalização proposta pelas regras do jogo que Deus lê na primeira tirinha é um dos furos narrativos de Ruas em relação às mitologias originais.

Na primeira tirinha, Ruas faz uma analogia entre as interações dos deuses no mundo e jogos de tabuleiro de conquista, como War. A analogia se dá por meio das regras do jogo que Deus lê: “somente um filho por rodada; um dilúvio por vez; perdendo, repasse os fiéis ao próximo; ninguém poderá ver vocês; ganha quem prosperar mais.” Na imagem, aparecem Ganesh, Inti, Zeus, Odin e Hórus como outros “jogadores”.

Na correlação das “regras do jogo” da tirinha com as mitologias dessas religiões, encontramos furos narrativos. Por exemplo, os nórdicos (representado por Odin) e egípcios (Hórus) não registram dilúvios em suas mitologias.

Entrar na questão de “um filho por rodada” é complicado, uma vez que estão interagindo deuses vinculados ao politeísmo, e os “filhos” nesse caso devem ser os vindos à Terra. O Deus cristão possui apenas um filho, Jesus; já Ganesh e Inti não possuem nenhum filho. Zeus possui filhos semi-deuses na Terra (a exemplo de Hércules) e filhos deuses no Olimpo (Dionísio, Atena). Odin não possui filhos mundanos, mas é pai de Thor e Loki, outros dois deuses principais no panteão nórdico. Por fim, Hórus também não possui filhos mundanos, mas 4 filhos divindades, raptados pelo tio.

A regra “perdendo, passe os fiéis ao próximo”, vem diretamente de encontro com a suplantação religiosa, porém de uma forma genérica (não explicita-se as condições do “perder”).

Por fim, a regra “ninguém poderá ver vocês” é controversa, pois apesar de todas essas religiões assumirem o desconhecimento da verdadeira forma de deus, tais deuses fazem aparições ao longo de suas mitologias com formas alternativas, como é o caso de Deus aparecendo como um arbusto pegando fogo para Moisés ou as diversas formas animais de Zeus para galantear as mortais.

Como citado anteriormente, a tirinha não tem obrigatoriedade com o rigor historiográfico.



Figura 3

Diferentemente das tirinhas anteriores, a Figura 3 trabalha com a religião indígena, especificamente a Tupi. Mais uma vez, Ruas trata da sucessão de deuses, nesse caso feita pela colonização portuguesa, em especial pelas ações jesuíticas no século XVI, em território brasileiro, causando o esquecimento dos deuses indígenas através da catequização e imposição do cristianismo sobre as demais religiões indígenas – como o caso da religião dos índios Tupi.

Em face à seca e ao racionamento de água no Sudeste, Ruas justifica o fato com a insatisfação da deusa Amanaci, deusa da chuva tupi, que seria a deusa responsável por solucionar o problema, mas uma vez caída no esquecimento, as preces voltam-se todas para o Deus cristão, não resolvendo o problema da crise hídrica.



Figura 4

O tema da tirinha da Figura 4, é a suplantação da religião - dessa vez não por outra religião, mas pela racionalidade promovida pelos pensadores gregos, assim como, mais tarde, pelos iluministas.

O grego, representando de forma genérica um filósofo (uma vez que muitos filósofos gregos se debruçaram sobre essa questão), apresenta a ruptura entre explicações religiosas e explicações filosóficas (que mais tarde levariam ao desenvolvimento do pensamento científico), desvinculando-se do misticismo para explicar a natureza. Isso, obviamente, causa ira em Zeus, uma vez que ele e seu panteão deixam de ser o ponto central das atenções e explicações daquele povo.

Sócrates foi executado justamente por seus questionamentos em relação aos deuses.

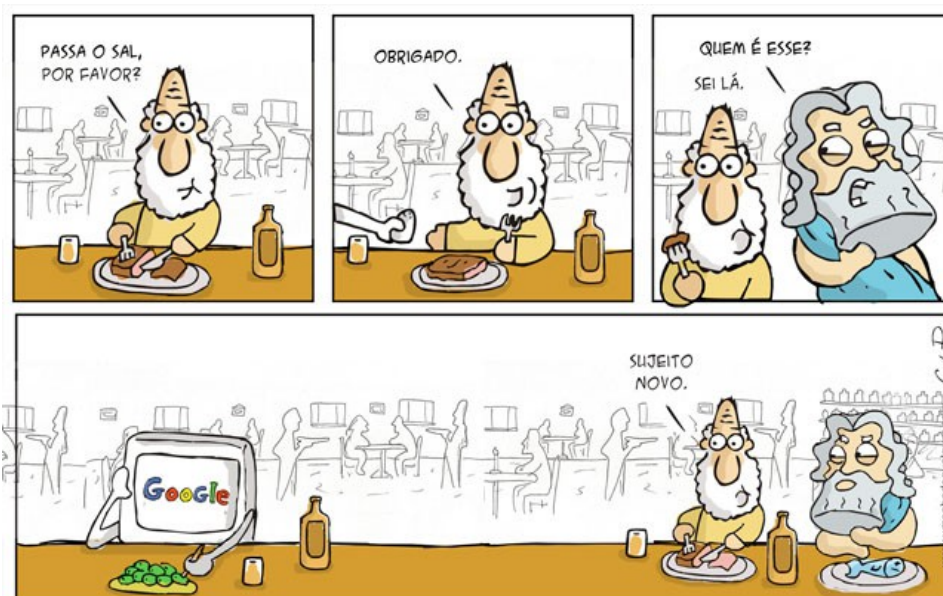


Figura 5

Após a humanidade passar pelo processo de racionalização, promovida a princípio pelos gregos na tirinha anterior, chegamos ao ápice desse processo, lidando com empresas de tecnologia como divindades ao patamar de Deus, Zeus e todos os demais deuses do boteco, como mostra a figura .

O Google é uma empresa que lançou-se no mercado a partir de seu mecanismo de busca, mas que mais tarde agregou diversas ferramentas diárias como e-mail, navegadores web, mapas, YouTube (streaming de vídeos), armazenamento na nuvem e até mesmo o sistema operacional de smartphone mais popular no Brasil atualmente, o Android (e todas as suas funções, como agenda, download de aplicativos, tocador de música, etc), sendo assim um ponto de convergência. Dessa forma, o Google torna-se onipresente (como Deus) e suas ferramentas, indispensáveis para a compreensão de mundo do cidadão contemporâneo, da mesma forma que a religião fazia para os povos antigos.

Considerações finais

Podemos observar, ao longo deste trabalho, a consolidação do gênero tirinha como um provocador de debate de assuntos importantes para a humanidade; neste caso específico, a religião. Quando esta linguagem se encontra na internet, como o caso do blog de Carlos Ruas, seu poder de disseminação amplia-se, trazendo o debate a todos que se interessarem

pelo assunto, independentemente de barreiras geográficas e midiáticas, de acordo com a convergência midiática.

As tirinhas de Deus de Carlos Ruas cumprem bem o papel de promover uma reflexão crítica sobre as religiões, em especial do cristianismo e suas interfaces com as outras religiões importantes da história da humanidade. Apesar do descomprometimento historiográfico presente em alguns textos, ficam evidenciadas as semelhanças, diferenças e embates entre as religiões, como nos casos analisados neste artigo.

A abertura e tolerância para com o debate das religiões torna-se muito importante no presente momento histórico, uma vez que o mundo é assolado pelo terror que extremistas religiosos propagam, em alegação de sua religião ser a correta. Talvez o mundo fosse um lugar melhor se todos debatessem a religião com a calma e bom-humor de Carlos Ruas.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Emanuel. **Escritos para a eternidade**. Brasília: EDUNB, 2000.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Antiguidade Oriental: Política e Religião**. São Paulo: Contexto, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Deuses, múmias e zigurates**. São Paulo: Lex, 1999.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FAVRE, Henri. **A civilização inca**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FILHO, Tácito da Gama Leite. **História das Religiões vol. 2: As Religiões Antigas**. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

FRIEDMAN, Richard Elliot. **O Desaparecimento de Deus: Um mistério divino**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GALLI, Fernanda Correa Silveira. Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 120-134, 2004.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

MAGALHÃES, Henrique. **O bom humor das tiras brasileiras**. In: Revista Conceitos, v. 1, n. 1. João Pessoa: ADUFPB, agosto de 2006.

MOREIRA, Thiago José. Entrevista concedida a Amanda Carolina Santos. Curitiba, 11/11/2015.

NICOLAU, Marcos. **As tiras e outros gêneros jornalísticos: uma análise comparativa**. Revista Eletrônica Temática, n. 02, p. 1-12, 2009.

NICOLAU, Vítor; MAGALHÃES, Henrique. **AS TIRINHAS E A CULTURA DA CONVERGÊNCIA: um estudo sobre a adaptação deste gênero dos quadrinhos as novas mídias**. V Simpósio Nacional ABCiber – UDESC/UFSC, 2011.

NICOLAU, Vítor; MAGALHÃES, Henrique. **Arte sequencial ao alcance de todos: as novas possibilidades de criação e veiculação de tirinhas nas mídias digitais**. XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2010.

NOGUEIRA, Carlos Roberto. **O Diabo no Imaginário Cristão**. Bauru: EDUSC, 2000.

PINSKY, Jaime. **Textos e Documentos: 100 textos de História Antiga**. Ed. Contexto. 2003.

RAMPAZZO, Lino. **Antropologia, Religiões e Valores Cristãos**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

RUAS, Carlos. **Blog “Um Sábado Qualquer”**. Disponível em <http://www.umsabadoqualquer.com/>. 2009-2015. Acesso em 16/11/2015.

SHORTER, Alan W. **Os deuses egípcios**. São Paulo: Cultrix, 1993.

ZORDAN, Daniel F. **HÁ RELATOS DO DILÚVIO EM QUASE TODAS CIVILIZAÇÕES ESPALHADAS PELO MUNDO**. Blog Creation Science News, 2010. Disponível em <https://creationsciencenews.wordpress.com/2010/09/02/ha-relatos-do-diluvio-em-quase-todas-civilizacoes-espalhadas-pelo-mundo/>. Acesso em 23/11/2015.

Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulos, 1990.